

PLURALISMO RELIGIOSO E A MISSÃO DO REINO DE DEUS

RELIGIOUS PLURALISM AND THE KINGDOM OF GOD MISSION

PLURALISMO RELIGIOSO Y LA MISIÓN DEL REINO DE DIOS

Vera Lúcia Lima Ribeiro Rios¹

Resumo

Em um mundo diversificado, onde desigualdades sociais persistem, o presente artigo propõe a seguinte questão: como o pluralismo religioso pode ser um sinal do Reino? Trata-se, portanto, de compreender esse pluralismo para que o diálogo inter-religioso seja viável. O estudo utilizou metodologia qualitativa, através de pesquisa bibliográfica — com dados levantados em livros e em periódicos científicos *online*. O intuito da investigação é conhecer a teologia das religiões, ao abordar seus paradigmas de base. Pretende-se, também, discutir a importância do pluralismo religioso como vontade de Deus e a sua relevância na luta por um mundo mais justo. Conclui-se que não há uma religião melhor do que outra; todas as tradições fazem parte do desígnio salvífico do Criador. Observou-se que a multiplicidade de religiões se relaciona com a missão do Reino; logo, atitudes pluralistas são fundamentais para realizar essa missão. Assim, a vida de Jesus é um exemplo desta abordagem, pois, ele foi um homem que estava sempre ao lado dos necessitados e excluídos.

Palavras-chave: Pluralismo religioso. Reino. Deus. Missão.

Abstract

In a diverse world, where social inequalities persist, this article proposes the following question: how can religious pluralism be a sign of the Kingdom? It is, therefore, about understanding this pluralism so that the interreligious dialogue is viable. The study used qualitative methodology, through bibliographic research — with data collected in books and in online scientific journals. The aim of the investigation is to know the theology of religions, when approaching their basic paradigms. It is also intended to discuss the importance of religious pluralism as the will of God and its relevance in the struggle for a more just world. It follows that there is no better religion than another; all traditions are part of the Creator's saving plan. It was observed that the multiplicity of religions is related to the mission of the Kingdom; therefore, pluralist attitudes are fundamental to accomplish this mission. Thus, Jesus' life is an example of this approach, because he was a man who was always on the side of the needy and excluded.

Keywords: Religious pluralism. Kingdom. God. Mission.

Resumen

En un mundo diversificado, en donde persisten desigualdades sociales, este artículo se plantea la siguiente cuestión: ¿Cómo el pluralismo religioso puede ser una señal del Reino? Se trata, por lo tanto, de comprender ese pluralismo para que el diálogo interreligioso sea posible. El estudio utiliza metodología cualitativa, por medio de revisión bibliográfica — con datos obtenidos de libros y revistas científicas *online*. El objetivo de la investigación es conocer la teología de las religiones por el estudio de sus paradigmas de base. Se pretende también discutir la importancia del pluralismo religioso como voluntad de Dios y su relevancia en la lucha por un mundo más justo. Se concluye que no hay una religión mejor que otra; todas las tradiciones integran el desígnio salvífico del Creador. Se pudo observar que la multiplicidad de religiones se relaciona con la misión del Reino; de esa manera, actitudes pluralistas son fundamentales para realizar esa misión. La vida de Jesús es un ejemplo de esa perspectiva, pues fue un hombre que siempre estuvo al lado de los necesitados y excluidos.

Palabras-clave: Pluralismo religioso. Reino. Dios. Misión.

¹ Graduada em Teologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: vl.r25rios@gmail.com.

1 Introdução

Sempre houve no ser humano o anseio por algo que dê sentido à vida e que traga a tão almejada felicidade. Muitas vezes, o homem se apega à religião em busca de consolo para suas angústias e vazios inexplicáveis. Logo, sempre existiu na sociedade uma tendência inerente à religiosidade.

Com o processo da globalização e os avanços da tecnologia, o homem moderno obteve o acesso à informação e, conseqüentemente, abriram-se as fronteiras no campo religioso — com mais opções e possibilidades, florescendo uma diversidade de religiões. Tradições religiosas até então desconhecidas dão mostras de grande vitalidade, surgindo assim, o fenômeno da pluralidade religiosa.

Portanto, vive-se em um mundo cada vez mais plural. Existe a pluralidade de posições, de opiniões, de pensamentos, assim como há pluralidade de raças, de línguas, de religiões, de culturas, etc. A pluralidade está relacionada à convivência de coisas diferentes, com diversas aplicações.

Por conseguinte, a diversidade de religiões tem mudado o cenário religioso como um todo. Todavia, a teologia cristã percebeu que esta pluralidade religiosa não é algo passageiro e sim, uma realidade que veio para ficar; logo, o homem precisa encontrar novas possibilidades de convivência mútua, de adaptação — ao deixar para trás as atitudes exclusivistas e preconceituosas.

O Concílio Vaticano II, como um grande marco histórico, deu um passo inicial de reconhecimento e de abertura para esses avanços. Diante de tal olhar, surgiu a teologia das religiões ou do pluralismo religioso como um novo paradigma da Teologia Cristã.

Portanto, o pluralismo religioso é a compreensão de que todas as religiões são iguais e legítimas e não há nenhuma religião melhor do que outra; assim, apenas Deus é o centro para onde todas caminham. Essa temática ainda é muito debatida entre teólogos pluralistas e aqueles que ainda conservam posições absolutistas.

Com o uso de metodologia qualitativa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, através de levantamentos de dados em livros e buscas obtidas na internet, tais como, revistas e sites de periódicos científicos, a saber: teses, dissertações, artigos e livros. O intuito é mostrar a importância do pluralismo religioso em uma perspectiva de abertura e diálogo inter-religioso, possibilitando a missão do Reino de Deus.

Portanto, a preocupação desta pesquisa foi proporcionar uma análise crítica referente à temática desta nova teologia, com um breve desdobramento dos seus paradigmas: o

exclusivismo (eclesiocentrismo), o inclusivismo (cristocentrismo) e o pluralismo (teocentrismo), sendo estes, os paradigmas de base dentro da discussão teológica.

Por conseguinte, neste contexto, entendeu-se oportuno apresentar uma breve discussão entre teólogos como, F. Teixeira, C. Ribeiro, M. Miranda, J. Dupuis, A. Lima e J. Hick, sobre a temática pertinente à unicidade de Jesus Cristo. A investigação consistiu na abordagem mais provocante entre os debates teológicos, com o intento de mostrar que o amor de Deus é tão misericordiosamente infinito; assim, ele pode agir no ser humano, independentemente de qual religião ele pertença.

Tendo como objetivo geral compreender o pluralismo religioso, a fim de que se possa alcançar um possível diálogo inter-religioso, objetivou-se compreender como combater a intolerância religiosa e compreender o espaço em que cada uma ocupa no universo. Desta maneira, o estudo se propõe a investigar: qual foi realmente o desejo de Jesus ao pregar o Reino de Deus?

De maneira simples e concisa, propôs-se especificar — através do diálogo com outros teólogos — o papel da Igreja frente à responsabilidade global, visando à ética, à sustentabilidade e à justiça social, dentro da missão que o cristianismo recebeu.

Nessa perspectiva, os teólogos pluralistas perceberam que o pluralismo religioso veio apontar a possibilidade de que tudo isso pode ser possível através do diálogo aberto, sincero e acolhedor entre as tradições religiosas.

Portanto, o pluralismo religioso não é uma mera condição provisória, mas uma realidade concreta; diante de tal olhar, os teólogos sugeriram reconhecer a multiplicidade religiosa como um pluralismo de princípios ou de direito.

Por conseguinte, o religioso é necessariamente convidado a adotar atitudes pluralistas, ou seja, ter um novo olhar frente ao outro, ao diferente; buscar sempre o diálogo para um melhor conhecimento mútuo, com vistas ao bem da sociedade e uma convivência fraternal.

Percebe-se, assim, a relevância desta pesquisa, pois esse estudo colabora com a vida acadêmica do futuro teólogo, especialmente por ter sido procedente de um curso interconfessional.

2 Jesus e o olhar pluralista

A diversidade é um bem, uma dádiva de Deus. Portanto, é preciso reconhecer a diversidade como um valor único e respeitável; precisa-se olhar o mundo com um olhar plural, pois, há diversidade racial, linguística, social, religiosa, cultural, etc. O papa Francisco, em sua

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, pontuou: “A diversidade é bela” (FRANCISCO, 2013, Eg 230, p. 73). Por conseguinte, deve-se levar em conta a forma como se lida com essa diversidade, que atitude tomar. Desse modo, o cristão deve ter um olhar receptivo frente ao outro, ao diferente.

O pluralismo, como um fenômeno da sociedade atual, desafia o ser humano a enxergar outros princípios e valores; exige o conhecimento mútuo, o respeito, a solidariedade. Enfim, cabem aqui as palavras de Jesus: “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles. [...]” (BÍBLIA, Mt 7, 12). Portanto, é possível olhar o outro a partir de si mesmo; ir em busca de um diálogo sincero, respeitoso, afastando qualquer resquício de preconceito e dar ao outro o que existe de mais precioso em si.

Jesus tinha um olhar para além das aparências, uma vez que, ultrapassando barreiras do preconceito, soube dialogar com as diferenças (BÍBLIA, Jo 4, 3-9). Pois, como um homem plural, mesmo sendo um judeu, entrou na Samaria e junto ao poço de Jacó pediu de beber, provocando assim o diálogo com uma mulher samaritana. O documento conciliar *Diálogo e Missão* sublinhou que, “Há o diálogo, no qual os cristãos encontram os que seguem outras tradições religiosas para caminhar em conjunto em direção à verdade e colaborar em ações de interesse comum. [...] Tudo isto faz parte do conceito amplo de missão.” (CONCÍLIO VATICANO II, 1984, Dm 13, p. 2).

Jesus soube dialogar com as diferenças; da mesma forma, os cristãos devem dialogar com outras tradições religiosas e buscar soluções práticas para que o Reino de Deus continue a se tornar presente e a ordem de seu Filho Jesus seja enfim realizada.

Nesta perspectiva, urge uma tomada de consciência que leve o cristianismo a refletir qual a sua missão e como a igreja se relaciona com o propósito do Reino. Deve-se, portanto, segundo o teólogo Claude Geffré, um dos mais instigantes pensadores católicos,

[...] promover uma coexistência dialógica que cultive o senso de uma hermenêutica da diferença e não uma lógica que leva à pura assimilação, (...) que só o semelhante pode reconhecer o semelhante. Mas há uma outra lógica, a bíblica, que pretende que o diferente reconheça o outro na sua alteridade (GEFFRÉ, 2013, p. 16).

Portanto, o cristão deve valorizar as diferenças e não achar que todos devem ser ou pensar da mesma maneira; nem, muito menos, achar que só deve se relacionar com aqueles ‘irmãos’ de igreja, pois é nas diferenças que cada um mostra o seu valor. Cada religião, como portadora da sua singularidade, merece ser compreendida como um todo, pois carrega consigo toda uma história.

Por conseguinte, com um novo olhar em relação às outras tradições religiosas, surge no interior do cristianismo a teologia do pluralismo religioso; com seu estatuto epistemológico, essa abordagem vai progredindo de forma contínua, conforme Francilaide Ronsi, “como um novo nome adotado para a teologia das religiões, cujo desenvolvimento começou na década de 60.” (RONSI, 2014, p. 21), período em torno do Concílio Vaticano II. Esse foi um marco histórico e inicial que contou com a participação de grandes teólogos como, por exemplo, Rahner e Kinniter, que deram importantes contribuições em relação a essa temática.

A teologia das religiões faz referência a uma parte da teologia cristã e busca interpretar o fenômeno do pluralismo religioso. Para Teixeira (2000, p. 116), a definição das diversas religiões como “caminhos de salvação”, constitui-se hoje, uma das questões mais relevantes para a teologia cristã das religiões. Parte-se do reconhecimento dos ‘diversos percursos religiosos’ como legítimos para se alcançar a salvação, sempre orientados para a comunhão com o mistério fundamental.

Reconhecer a legitimidade das religiões é, sem dúvida, um ponto de partida para uma sincera aproximação, uma questão essencial para um relacionamento pacífico. Pois, em cada religião existe uma identidade própria, um caráter único que estabelece a abertura com o outro.

Desse modo, ao reconhecer a diversidade religiosa como vontade de Deus, no seu plano salvífico para a humanidade, buscou-se a criação de novos paradigmas para teologia cristã. Trata-se da superação de modelos já consagrados, em que se considera Jesus Cristo como o Salvador de toda a humanidade, ou seja, o único caminho para se alcançar a salvação.

2.1 Um olhar sobre os paradigmas

Sem querer fazer uma explanação longa de cada modelo, já que não foi este o objetivo, pretendeu-se apenas apresentar alguns traços característicos dos principais paradigmas que foram produzidos a partir do século XIX. Adotou-se, então, uma divisão tripartite dos paradigmas fundamentais classificando-os em exclusivista, inclusivista e pluralista. Com as suas respectivas equivalentes: eclesiocêntrica, cristocêntrica e teocêntrica.

Por conseguinte, a linha tradicional de abordagem em que se produziram as bases da teologia cristã aproxima-se do paradigma exclusivista eclesiocêntrico. Nesta posição, há possibilidade de salvação somente a partir da fé explícita em Jesus Cristo e da sua pertença à Igreja.

Como apontou Hick (1998, p. 13), por se considerar seguidor de Cristo e do seu Evangelho, o cristianismo sempre se sentiu superior em relação às outras religiões, exibindo-

os quase como um status, afirmando-se ser a única religião verdadeira. No entanto, essa presunção de possuir a verdade absoluta tem sido o principal questionamento entre as outras religiões, dificultando o seu relacionamento — o que alimenta a intolerância religiosa.

Para Francilaide Ronsi, “No mundo católico, esse paradigma foi sustentado por vinte séculos e teve como expressão simbólica máxima a famosa sentença *‘Extra ecclesium nulla salus’* (‘fora da Igreja não há salvação’)” (RONSI, 2014, p. 36), uma vez que, Jesus Cristo é o único Salvador, logo, se não fizesse parte da Igreja não seria salvo, já que a Igreja representa o Corpo de Cristo.

Entretanto, entre os protestantes também existia um ardente exclusivismo. Adriano Lima, assim, afirmou: “O teólogo protestante mais influente do século XX foi sem dúvida Karl Barth, que é um dos responsáveis pela expansão do exclusivismo no campo protestante.” (LIMA, 2014, p. 86). Certamente, ele se baseava nas Escrituras, assim como também nos princípios da Reforma.

No entanto, a partir do Concílio Vaticano II, com a declaração de *Nostra aetate*, essa posição exclusivista eclesiocêntrica, foi assim, oficialmente descartada:

A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, (...) reflectem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, «caminho, verdade e vida» (Jo 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas (CONCÍLIO VATICANO II, 1965, Na 2, p. 1).

Ao declarar que ‘existem verdade e santidade nessas religiões’, a Igreja demonstrou uma visão de tolerância, respeito e admiração; esse novo olhar influenciou de forma decisiva para se conquistar novos avanços. Por conseguinte, com esse consenso de abertura às outras religiões, deu-se início ao inclusivismo cristocêntrico, surgindo assim, um novo paradigma.

Até poucos anos antes do Concílio Vaticano II, as tradições não-cristãs eram consideradas apenas religiões ‘naturais’. Porém, ao constatarem as contribuições significativas dessas religiões para uma vida em santidade, os teólogos católicos criaram a “teoria do cumprimento” ou “teoria do acabamento”, com maior ênfase no cristocentrismo.

De acordo com esse modelo, conforme Lima (2018), apesar das outras religiões, continuarem sendo avaliadas como religiões naturais, reconheceram que há verdade e salvação nessas tradições; porém, de forma mais ou menos imperfeita, tendo que encontrar sua consumação e plenitude no cristianismo, onde a verdade e a salvação estão verdadeiramente presentes. Quanto à função, eram reconhecidas apenas como ‘preparação evangélica’.

O homem, como um ser natural e racional, é um ser religioso por natureza, pois no seu raciocínio ele sabe que existe algo superior, inalcançável. Muitas vezes, o que os indivíduos não sabem é que este Ser está ao alcance de todos que O buscam verdadeiramente; que eles O carregam dentro de si.

Nesta lógica, Geffré (2013, p. 47), pontua que Karl Rahner tinha desenvolvido a ‘teoria dos cristãos anônimos’, ao entender que os não-cristãos podem encontrar o seu cumprimento implícito, anônimo, em Jesus Cristo, ao realizar seus ensinamentos nas práticas concretas da vida. Ele postulou que o cristianismo pode ser vivido de forma sincera, escondida, onde quer que seja, como cristãos anônimos, em virtude da graça, do absoluto presente em todo homem.

Todo homem carrega em si uma centelha da luz divina; como ser transcendente, ele anseia por encontrá-la, mesmo sem ter essa consciência. Há algo muito mais forte, uma dimensão do ser humano que o impulsiona à procura dessa iluminação, algo que o realize, pois ele nunca se sente pronto. Aquele que faz essa busca, dando mais importância ao espírito que ao corpo, se aproxima do Cristo — que se faz presente em todo homem, como parte do seu ser.

Portanto, ficou estabelecida a já mencionada ‘teoria do acabamento’. Porém, ao sustentar a unicidade de Jesus Cristo e ao negar a autonomia salvífica nas outras religiões, o cristianismo se manteve em superioridade com relação às outras religiões, continuando a ser um obstáculo para o diálogo inter-religioso.

Já o teólogo protestante Paul Tillich, soube compreender a mensagem cristã para além das fronteiras religiosas, como apontou Cláudio Ribeiro:

Ele fez a crítica ao absolutismo eclesiocêntrico da Igreja Católica Romana e à perspectiva exclusivista de Karl Barth, no contexto teológico protestante. Não obstante, questionou o modelo inclusivista, ao indicar a necessidade de se ressaltar o caráter absoluto do Cristianismo como uma religião histórica (RIBEIRO, 2013, p. 34).

Na verdade, Tillich já demonstrava aqui uma nítida visão pluralista. Assim, teólogos entraram novamente em debates, em busca de um terceiro paradigma. Surge, portanto, o pluralismo teocêntrico: abordagem na qual apenas Deus está no centro de tudo. Todas as religiões são consideradas como iguais; cada uma, à sua maneira, já possui o poder salvífico.

Jonh Hick, um dos grandes nomes do pluralismo religioso, propôs uma revolução copernicana e, conforme Adriano Lima, “bem como um ‘novo mapa’ do universo da fé. A audaciosa proposta do teólogo britânico propõe que o cristianismo é como uma religião a mais que gira em torno de Deus que está no centro.” (LIMA, 2014, p. 88). Descobriu-se que Deus é o grande sol em torno do qual giram todas as religiões, pois o cristianismo, assim como as outras religiões, está em busca do mesmo Deus.

Portanto, os cristãos não devem se sentir superiores aos praticantes das outras religiões; pelo contrário, ao voltar seus olhares para o próprio Jesus, verão que Ele, mesmo sendo o Mestre, não menosprezou ninguém. Todos devem ser respeitados — seja um cobrador de imposto, uma prostituta, um judeu, ou uma pessoa de outra religião — porque Deus olha a sinceridade do coração. Se Jesus o fez cristão, não foi para se sentir superior aos outros, mas para servir a todos.

No entanto, aumentou o discurso em torno de Jesus como centro do mistério cristão. O cristianismo ainda tenta provar o caráter salvífico de Jesus Cristo, como o salvador absoluto de toda a humanidade.

2.2 A unicidade de Jesus em foco

A proposta de Hick, segundo o teólogo Cláudio Ribeiro,

[...] rompe com uma visão absolutista da tradição cristã, convocando-o a ser um ‘cristianismo que se vê uma religião verdadeira entre outras’; uma cor diante do grande arco-íris das religiões, transpassada pela luz do Real, que no horizonte cristão é chamado de Deus (RIBEIRO, 2013, p. 359).

Há a presença da luz divina em outras formas de manifestação; com isso, Hick propõe um rompimento com os conceitos da constitutividade salvífica de Jesus Cristo, reconhecendo, nas outras religiões, a legitimidade do processo de salvação.

O teólogo Mário Miranda (1998) diz que para salvar o pluralismo salvífico, seria necessário separar a teologia da cristologia, além de romper o vínculo salvífico exclusivo de Cristo com Deus. Porém, por Jesus ser o Filho de Deus, é o único mediador; precisamente na encarnação, ele é a revelação de Deus para o mundo, a revelação última que não poderá ser ultrapassada, pois essa é uma verdade definitiva que o cristianismo não poderá renunciar.

O pluralismo religioso compreende que, mesmo Jesus Cristo sendo o Salvador constitutivo da humanidade, não impede que Deus tenha visado um único plano salvífico das ‘vias’ de salvação por outras religiões, servindo de mediação a favor dos seus membros.

Assim, o teólogo Jacques Dupuis, esclarece que: “A particularidade do evento Jesus Cristo em relação à universalidade do desígnio salvífico de Deus abre assim novas vias de acesso a uma teologia do pluralismo religioso capazes de abrir espaço a diferentes ‘percursos’ de salvação.” (DUPUIS, 2004, p. 225). Pois, a semente do Verbo que se encontra de forma plena em Jesus também está presente nas outras religiões; a encarnação do Verbo foi uma história de amor do Pai para com toda a humanidade, de um alcance universal.

Já Cláudio Ribeiro citando Roger Haight, ao falar sobre a importância de cada religioso poder preservar a sua identidade religiosa, mostrou que os cristãos,

[...] podem relacionar-se com Jesus como normativo da verdade religiosa no tocante a Deus, ao mundo, à existência humana e à salvação e, ao mesmo tempo, crer que há também outras mediações religiosas que são verdadeiras e, portanto, também normativas (RIBEIRO, 2013, p. 365).

Compreende-se que a universalidade da salvação de Jesus Cristo opera também em outras tradições religiosas, através do seu Espírito; portanto, Deus pode ter se revelado também em seus fundadores, concedendo-lhes o poder salvífico.

Entretanto, Mário Miranda contestou: “Como pode um evento particular e histórico ter pretensão universal?” (MIRANDA, 1998, p. 26). Na verdade, o mistério da encarnação do Filho de Deus foi revelado de um modo particular pela ação do Espírito. O autor Roger Haight, replicou Cláudio Ribeiro, “realça o que Paul Kinitter já afirmara: Jesus é ‘verdadeiro’, mas ‘não o único’ portador da salvação.” (RIBEIRO, 2013, p. 365). Na concepção pluralista, as religiões são caminhos misteriosos da salvação, pois há autenticidade do poder salvífico em outras tradições religiosas.

Faustino Teixeira acrescenta que “A revelação de Deus na humanidade de Jesus não significa uma absolutização por parte de Deus de uma particularidade histórica (Jesus de Nazaré).” (TEIXEIRA, 1998, p. 62). Portanto, é o amor de Deus que deve ser absolutizado, o amor manifestado no Cristo Jesus.

Entretanto, Mário Miranda argumentou que, “Não se poderia conceber a pessoa e a ação de Deus a partir de outros mediadores além de Jesus Cristo.” (MIRANDA, 1998, p. 26). Miranda busca reafirmar o que, para ele, é o ponto central desta reflexão: a mediação de Cristo Jesus, o sumo sacerdote. Faustino Teixeira replicou: “Em razão, pois, da relatividade presente em Jesus, abre-se a possibilidade de se encontrar Deus também fora de Jesus, na história concreta e nas diversas religiões.” (TEIXEIRA, 1998, p. 62). O cristão deve ser livre de preconceitos, assim como Jesus não se prendia a normas preconceituosas.

Para Cláudio Ribeiro, “Tal relatividade histórica leva o cristão a definir mais exatamente o conteúdo de sua fé em Jesus.” (RIBEIRO, 2013, p. 365); ser cristão não impede a crença em outras mediações, visto que em Jesus, une-se a Deus e encontra-se possibilidade de união uns com os outros. Quanto à perspectiva pluralista, Jonh Hick esclareceu que, “não é uma ruptura radical com a tradição cristã [...], mas seu desenvolvimento continuado de maneiras sugeridas pela descoberta da presença e atividade salvífica de Deus dentro de outras correntes da vida humana.” (HICK, 1998, p. 41). Ou seja, quanto mais se dialogar com outras religiões, mais se

firmará a sua convicção. No entanto, Mário Miranda questionou: “Como entrar num diálogo inter-religioso, respeitando as outras religiões, sem considerá-las de antemão imperfeitas e inferiores, se reconhecemos em Jesus Cristo e apenas nele o Salvador único e universal?” (MIRANDA, 1998, p.26). Os cristãos creem no caráter divino de Jesus Cristo e Miranda (1998) não abre mão desta verdade absoluta de fé.

Entretanto, Faustino Teixeira pontuou: “A dimensão absoluta só pode ser aplicada, pertinentemente, a Deus enquanto Realidade Última ou Ser Infinito.” (TEIXEIRA, 1998, p. 62); assim, não se pode esquecer a dimensão absoluta e transcendental de Deus. Por conseguinte, Adriano Lima sublinha que “o pluralismo religioso não precisa ser ameaçador nem para a cristologia nem para a consciência da fé cristã em geral”. Esse novo paradigma, “pelo contrário, integra o contexto atual para a reflexão sobre a realidade misteriosa de Jesus Cristo.” (LIMA, 2014, p. 69).

O pluralismo pode avançar sem comprometer a identidade do cristianismo. Assim sendo, Cláudio Ribeiro pontua que a “Revelação e salvação são inseparáveis, e há poder de revelação e de salvação em todas as religiões.” (RIBEIRO, 2013, p. 34). Trata-se de reconhecer que pode haver santidade em seus membros, que há riquezas espirituais em outras religiões.

Adriano Lima, então, lembrou que, “O modelo exclusivista certamente não é o mais adequado para que se produza teologia no tempo atual. A pedra exclusivista onde o cristianismo tropeçou por muitos séculos talvez seja uma das razões proeminentes do seu insucesso na missão.” (LIMA, 2018, p. 256). A missão do cristão é seguir o propósito do Reino, a partir do diálogo com todas as religiões.

Entretanto, ainda existem atitudes exclusivistas por parte de alguns grupos conservadores, tanto entre católicos como protestantes, principalmente em algumas Igrejas pentecostais. Porém, essa abordagem se tornou infrequente no tempo atual, embora seja possível encontrar indivíduos que demonizam as outras expressões religiosas, no Brasil principalmente, em relação às religiões de origens africanas.

Cláudio Ribeiro sublinhou que, “há um evento central na história das religiões que une os resultados positivos dessa crítica e que nele e sob ele as experiências revelatórias acontecem. Um evento, portanto, que faz possível uma teologia concreta com um significado universal.” (RIBEIRO, 2013, p. 35). No tocante à perspectiva plural, propõem-se a liberdade em busca da verdade.

Jacques Dupuis acrescentou que, “O encontro entre as crenças deve ajudar os cristãos a descobrir novas dimensões no testemunho que Deus deu de si mesmo nas outras comunidades

de fé.” (DUPUIS, 2004, p. 220). Logo, existe uma ótima oportunidade de enriquecer sua fé no aprendizado mútuo, com compreensão e diálogo sincero.

Portanto, a questão cristológica, referente à mediação constitutiva universal, fica clara. Se Jesus Cristo é o único Salvador da humanidade, Ele sempre esteve presente em toda a discussão teológica, pois são abordagens essenciais no diálogo inter-religioso. Porém, importantes teólogos continuam trabalhando arduamente para dar conta de inúmeras objeções que envolvem essa temática do pluralismo religioso.

Nessa situação, Jonh Hick propôs “o símbolo do Rio Rubicão: atravessá-lo é dar um passo que fecha uma série de opções, ao mesmo tempo em que descortina outra série. Para ver em que direção flui esse Rubicão teológico [...]” (HICK, 1998, p. 13). Deve-se acolher o pluralismo religioso e, em uma perspectiva escatológica, buscar a cooperação em prol do Reino de Deus — o qual, o próprio Jesus Cristo já iniciou.

2.3 O olhar pluralista sobre o Reino

Ao definir o papel da Igreja em consonância com o Reino de Deus, Michael Amaladoss assim o descreve: “as religiões são chamadas a dialogar uma com a outra, e se enriquecer na sua jornada em direção do Reino. [...] consciente da especial missão de promover a união de todas as coisas no Reino, como seu símbolo e servidora”. (AMALADOSS, 2002, p. 189); assim deve ser a caminhada da Igreja, enquanto não chegar à consumação final.

Trabalhar pelo Reino de Deus, diz João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Missio*, “significa reconhecer e favorecer o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma. (...) o Reino de Deus é a manifestação e a atuação do Seu desígnio de salvação, em toda a sua plenitude.” (JOÃO PAULO II, 1990, Rm 15, p. 11). Ou seja, o Reino de Deus diz respeito a todas as pessoas, ao mundo inteiro; logo, a experiência salvífica de Deus não está limitada às fronteiras da Igreja.

Já Adriano Lima argumenta: “Uma cristologia que pretenda fundamentar-se em Jesus de Nazaré deve antes de qualquer coisa fundamentar-se naquilo que foi a razão da vida e da morte de Jesus: o Reino de Deus.” (LIMA, 2014, p. 68). Assim, na luta contra a violência e as injustiças sociais, deve-se socorrer os necessitados e ficar ao lado dos excluídos e marginalizados.

Novamente em sua encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II ressalta a imagem da Igreja em uma concepção reinocêntrica, como aquela que não pensa em si, mas dedica-se totalmente ao serviço do reino:

A tarefa da Igreja é orientada num duplo sentido: por um lado promover os denominados « valores do Reino », como a paz, a justiça, a liberdade, a fraternidade, por outro, favorecer o diálogo entre os povos, as culturas, as religiões, para que, num mútuo enriquecimento, ajudem o mundo a renovar-se e a caminhar cada vez mais na direcção do Reino (JOÃO PAULO II, 1990, Rm 17, p. 12).

Essa é a função da Igreja, uma vez que a própria Igreja não é o Reino de Deus; todavia, ela é um símbolo deste Reino e deve ser fiel a ele, dando o seu testemunho.

Desta forma, a religião passa a ser entendida, conforme Glauber Araújo: “a partir de uma compreensão existencial, e não teórica. A reivindicação do cristianismo se relaciona ao evento no qual ela se baseia – o Novo Ser – e desta forma está sempre sujeita ao julgamento que ela mesma pronuncia.” (ARAÚJO, 2010, p. 181). Neste caso, ou a Igreja cristã trabalha pela concretização deste Reino como fez o seu Mestre, ou a instituição passa a não ter razão de existência.

Por conseguinte, para Faustino Teixeira, “São os pobres sofredores e também a terra sofredora que facultam às religiões os "vínculos hermenêuticos" para a sua mútua compreensão.” (TEIXEIRA, 1999, p. 164). Assim, uma preocupação dos pluralistas é que todas as religiões se tornem responsáveis por um planeta ecohumano.

Geffré (2013, p. 14) argumenta que a humanidade está tomando consciência da responsabilidade que tem para com o planeta, da importância de se cuidar do meio ambiente como a casa comum, de valorizar o ser humano independente de raça, cultura ou religião. De uma forma global, já existe uma nova visão em relação à união entre as religiões, pois as diversas tradições estão se conscientizando de que as divergências são insignificantes em relação ao sentido maior que as une. Afinal, todas estão em busca de um fim Último e Absoluto.

Que esta conscientização continue, para que todos os religiosos sintam o peso da responsabilidade de se contribuir por um mundo mais humano, que busca a concretização do Reino e o cumprimento da missão que Jesus os confiou.

Urbano Zilles argumenta que “valores fundamentais devem ajudar a resolver problemas globais, para além de todas as diferenças de visão do mundo, diferenças culturais, nacionais ou religiosas.” (ZILLES, 2007, p. 224). Nos tempos atuais, mais do que nunca, é necessária esta visão de mundo; para tanto, faz-se necessário que se criem leis universais para que todos se sintam responsáveis.

Faustino Teixeira, então, propôs: “Trata-se agora de buscar um equilíbrio entre dois elementos fundamentais implicados na temática do diálogo: a consciência da diversidade e o imperativo da responsabilidade.” (TEIXEIRA, 1999, p. 162). Para tanto, o diálogo inter-

religioso deve ser equilibrado: ao se observar o mundo como um todo, chega-se à conclusão de que as responsabilidades são bem maiores que as diferenças.

Amaladoss (2002, p. 190) aponta que a preocupação não é indicar se existe uma religião melhor do que outra ou afirmar que todas as religiões são iguais. O diálogo que se sugere é entre as pessoas e não com a religião em si; propõe-se que as religiões facilitem o encontro salvífico divino-humano. Logo, a graça de Deus pode chegar às pessoas, onde quer que estejam.

Portanto, os teólogos pluralistas têm consciência das diferenças que existem em cada tradição religiosa. Porém, nestas diferenças residem riquezas que possibilitam o aprendizado mútuo. É na abertura dialogal, com uma acolhida calorosa, que se experimenta a fraternidade religiosa.

Jonh Hick argumenta que “as reivindicações de outras religiões à validade absoluta e a uma conseqüente superioridade igualmente sacralizaram a agressão violenta, a exploração e a intolerância.” (HICK, 1998, p. 15). Os fundamentalistas deveriam estar cientes dos efeitos prejudiciais que causam para a sociedade e para sua própria tradição religiosa.

Adriano Lima acrescenta que “a teologia cristã precisa reconhecer que a certeza inabalável de que continuamos possuindo a verdade, enquanto os demais estão errados, não é mais uma possibilidade.” (LIMA, 2014, p. 92). Assim, ninguém possui a Verdade, uma vez que só Deus a conhece; destarte, Ele é a Verdade.

Segundo Jonh Hick, “atravessar esse Rubicão teológico parece um próximo passo quase inevitável, que leva à sua conclusão natural a trajetória cujo caminho foi traçado” (HICK, 1998, p. 23). Os teólogos pluralistas devem seguir essa abordagem, pois ela conduz, de um fenômeno constatável, como apenas um fato efêmero, a um pluralismo religioso de princípio ou de direito.

Faustino Teixeira, assim ratificou: “O pluralismo religioso deixa de ser compreendido como um fenômeno conjuntural passageiro, um fato provisório, para ser percebido na sua riqueza, como um pluralismo de princípio ou de direito.” (TEIXEIRA, 2010, p. 22). Deve existir o direito à liberdade de expressar sua forma de crer; de sentir-se incluídos à proposta do reino e ao plano salvífico do Pai, uma vez que, “o Espírito de Deus sopra onde quer.” (BÍBLIA, Jo 3, 8).

Cláudio Ribeiro sublinha que “O princípio pluralista nos leva a defender a visão de que cada expressão religiosa tem sua proposta salvífica e de fé, que devem ser aceitas, respeitadas, valorizadas e aprimoradas a partir de um diálogo e de aproximação mútuas.” (RIBEIRO, 2017, p. 248). Nesse contexto, toma-se uma atitude democrática, livre de todo o preconceito, para ser verdadeiramente quem é; todavia, essa deve ser a atitude do cristão: uma atitude pluralista.

Roberlei Panasiewicz e Rita Grassi pontuam que “a atitude pluralista não se trata de abrir mão de suas próprias visões de mundo para aceitar a do outro, mas de reconhecer que sua perspectiva não é a verdade absoluta e estar aberto ao relacionamento com quem pensa diferente.” (PANASIEWICZ; GRASSI, 2018, p. 4). Deste modo, estando frente ao outro, cientes de suas próprias convicções, faz-se necessário a humildade para saber escutá-lo, colocando-se em atitude de igualdade.

Jesus apresentou atitudes pluralistas quando atendeu às súplicas de uma Cananéia (BÍBLIA, Mt 15, 22-28), quando se hospedou na casa de Zaqueu (BÍBLIA, Lc 19,5); quando sentou-se à mesa com publicanos e pecadores e, quando dialogou com samaritanos, fariseus, etc. (BÍBLIA, Mt 9,11).

Ao longo do tempo, Jesus de Nazaré continua a surpreender enquanto modelo inspirador para todos: cristãos, hindus, judeus, budistas, mulçumanos, espíritas, etc. Assim, de onde surgiu tamanha admiração em diferentes povos? Certamente, do vigor de suas palavras, que ainda ressoam no profundo da alma, como por exemplo, o *Sermão da montanha* (BÍBLIA, Mt 5-7); essa admiração também é advinda de suas magníficas obras: dando pão aos famintos, cura aos doentes, vistas aos cegos, vida aos mortos, perdão aos pecadores, esperança aos desesperançados, etc.

Que força, então, esteve impulsionando esses feitos? A Sua fé no Deus Pai e o ardente desejo em cumprir a sua vontade: a implementação do Reino de Deus. Entretanto, Jesus ordenou esta missão aos seus discípulos quando lhes disse: “[...] tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus.” (BÍBLIA, Lc 9, 60). Anunciar o seu Reino e levar ao mundo consolo, esperança, justiça e paz foi a preocupação de Jesus. Que todos, inclusive os mais sofredores, saibam que o Reino dos céus está próximo, porque o Cristo veio para libertar os oprimidos e salvar o que estava perdido.

Portanto, a perspectiva pluralista se apresenta com uma dimensão social e pode ser compreendida no contexto do Reino de Deus e sua missão, por meio do diálogo inter-religioso: lutando pela paz e justiça social, cuidando do planeta como a casa comum e cuidando uns dos outros como irmãos. Com efeito, este foi o desejo de Jesus ao pregar o Reino de Deus.

E, então, realizado o Reino de Deus, “chegará ao fim, ‘quando Cristo entregará o Reino a Deus Pai (...). e quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos’”. (BÍBLIA, 1 Cor 15, 24-28 apud RIBEIRO, 2013, p. 376). Tudo enfim, será revelado; o Reino dos céus será concretizado e todos serão apenas um, juntos com Deus Pai.

Será realizado, enfim, aquele desejo demonstrado por Jesus na sua última ceia: “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti (...)” (BÍBLIA, Jo 17, 21); logo, “reconhecerão à sua voz” e, conseqüentemente, “haverá um só rebanho e um só pastor” (BÍBLIA, Jo 10, 16) e todos serão apenas um.

2.4 Metodologia

O foco do estudo é a importância do pluralismo religioso em seu contexto histórico, dentro da atual dinâmica da diversidade. Logo, a proposta do Reino de Deus e do diálogo inter-religioso são desafios necessários e de suma relevância em sua aplicação efetiva, tanto na esfera religiosa, como para toda a sociedade.

Quanto à abordagem, esta pesquisa foi classificada como qualitativa, por ter-se tratado de uma temática extensa com um desenvolvimento subjetivo, onde se identifica, também, a subjetividade do pesquisador.

Quanto à natureza, o estudo fundamentou-se na pesquisa bibliográfica, onde se analisa uma bibliografia já tornada pública, através de levantamentos em relação ao tema proposto.

Nos procedimentos para as coletas bibliográficas, foram utilizados livros e informações relevantes e atualizadas obtidas na internet. Utilizou-se revistas e sites de periódicos científicos, teses, dissertações, artigos, livros e trabalhos impressos de outros autores de produção científica.

Deu-se preferência àqueles autores já inscritos no projeto e seus respectivos artigos e livros. Também foram utilizados outros materiais disponíveis na internet de acordo com a urgência de abordagem; porém, destes mesmos autores inscritos no projeto.

Ao investigar os vários temas pertinentes ao pluralismo religioso, foram adotados os seguintes critérios: selecionou-se as abordagens mais relevantes referentes à temática da teologia das religiões e do diálogo inter-religioso; priorizou-se a temática dos paradigmas pertinentes à unicidade de Jesus Cristo; em seguida, foram destacados os temas mais relacionados ao Reino de Deus e sua missão.

Dessas fontes, extraiu-se as principais ideias, baseando-se nos objetivos deste trabalho; ou seja, atingir a maior veracidade possível referente ao tema do pluralismo religioso, fundamentando-se no conhecimento do fenômeno em questão, com o intuito de alcançar um possível diálogo inter-religioso.

3 Considerações finais

O pluralismo religioso propôs reflexões essenciais para uma sociedade eticamente responsável, como a prática da tolerância e o respeito à diversidade de gênero, cultura e de religião, dentro de uma perspectiva dialogal aberta e acolhedora. O objetivo dessas práticas é a busca do conhecimento mútuo e a realização de ações concretas de interesse social e planetário, com vistas a atitudes pluralistas — pois todas essas ações contribuem para a construção do Reino de Deus.

Portanto, em um mundo marcado por conflitos religiosos, terrorismos e todo tipo de violência, em que existe degradação ambiental e desigualdades sociais, as religiões são chamadas a dialogar e a trabalharem em busca de unidade e justiça. Em conjunto com outras tradições religiosas, o pluralismo religioso aborda reflexões pertinentes à temática do Reino de Deus, em uma expectativa escatológica e universal.

Jesus anunciou, constantemente, o Reino de Deus; os seus seguidores receberam essa Boa Nova como missão: “tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus.” (BÍBLIA, Lc 9, 59-60). Cabe à Igreja realizar o desejo de Jesus, fazendo aquilo que Ele fez; ou seja, ser defensora dos pobres, excluídos e marginalizados da sociedade e lutar para que haja paz e justiça social, cumprindo assim, o seu papel de missionária e servidora.

No entanto, ainda permanecem algumas dúvidas: o que é o Reino de Deus? Quem são os participantes deste Reino? Será que realmente a Igreja está dando continuidade à missão do Reino de Deus? O que podemos fazer para que o Reino de Deus aconteça de fato?

Conforme visto, a Igreja é participante do Reino de Deus; ela não é o Reino. Entretanto, ela se torna sacramento desse Reino e, como tal, deve dar seu testemunho, sendo fiel a ele. O Reino de Deus tem uma dimensão universal que se expande a todos no mistério de salvação, a partir de Jesus Cristo.

Portanto, Jesus de Nazaré ia ao encontro das pessoas. Ele andava de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, anunciando o Evangelho do Reino. Para ele, não importava se era judeu ou samaritano, rico ou pobre, ou se era considerado um pecador. Sendo um homem do diálogo, também sabia escutar: Ele atendeu às súplicas de uma Cananéia, foi jantar na casa de um fariseu, suscitou o diálogo com a mulher samaritana, quis hospedar-se na casa de Zaqueu; ou seja, Jesus quis mostrar que todos são convidados a fazer parte deste Reino.

Por conseguinte, Jesus viveu toda sua vida em função do Reino de Deus. Por essa causa, enfrentou os poderosos e denunciou suas hipocrisias, quebrou leis que feriam e oprimiam o povo, expulsou os vendilhões do templo; pela causa do Reino, foi um líder revolucionário, defensor dos pobres, dos excluídos da sociedade, foi amigo de prostitutas, publicanos e pecadores. Portanto, essa foi a missão que o Pai lhe confiou e por esta missão, Ele morreu.

Desse modo, Jesus de Nazaré é um modelo inspirador para todos que se propõem a adotar atitudes pluralistas, seja um cristão, judeu, budista, hindu, mulçumano, espírita ou de qualquer tradição religiosa — ou, até mesmo, alguém sem religião.

Ele ensinou a arte de doar-se, de despreocupar-se com as coisas do mundo; falava sobre o Reino dos céus e ensinava por meio de parábolas. Sua vida, olhar e palavras vão além dos feitos que um simples ser humano pode alcançar.

Como homem incomparável, o seu nascimento dividiu a história da humanidade. Porém, muitos elementos do personagem histórico serão sempre um mistério, o que constitui um grande desafio para estudiosos. O cristianismo e as diversas tradições religiosas dividem opiniões a seu respeito; Ele é um personagem central nos debates do pluralismo religioso. Alguns O vêem simplesmente como um judeu, rabino, profeta ou avatar; para os cristãos, Ele é como um Deus.

No entanto, é preciso entender que esse Reino de Deus é mais valioso do que qualquer outra coisa: “buscando-o em primeiro lugar, nada faltará.” (BÍBLIA, Mt 6, 33); ele está ao alcance de todo aquele que o busca com ardor, pois, “ele está dentro de cada um.” (BÍBLIA, Lc 17, 20-12).

Independente da religião, todos aqueles que sonham por um mundo mais justo, onde todos possam viver com dignidade e com seus direitos respeitados, são indivíduos com atitudes pluralistas. Uma pessoa assim é um adepto dos ensinamentos de Jesus; logo, esse indivíduo pode ser considerado um cristão.

Referências

AMALADOSS, Michael. Religiões: Violência ou diálogo? **Diálogo inter-religioso**, v. 34, n. 94, 2002. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/631>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

ARAÚJO, Gleber Souza. Paul Tillich e sua Teologia da Cultura. **Correlatio**, São Paulo, v. 9, n. 17, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/2149/2143>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. Versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). 206. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração Nostra Aetate**. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em: 04 de maio de 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. Secretariado para os não-cristãos. **Diálogo e Missão**. 1984. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_do_c_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso em: 04 de maio de 2020.

DUPUIS, Jacques. **Cristianismo e as religiões**. São Paulo: Loyola, 2004.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 04 de maio de 2020.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes**. São Paulo: Paulus, 2013.

HICK, John. O Caráter Não-Absoluto do Cristianismo. **Numen**, v.1, n.1 Juiz de Fora, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21760>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. **Encíclica Redemptoris Missio**. 1990. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 04 de maio de 2020.

LIMA, Adriano Souza. O pluralismo religioso como paradigma teológico. **Identidade**, São Leopoldo, v. 19, n.1, 2014. Disponível em: <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/1929/1906>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

LIMA, Adriano Souza. O Reinocentrismo de Jesus Como Chave para uma Cristologia no pluralismo religioso. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 44, n.1, ago. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/18282>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

LIMA, Adriano Souza. A teologia pentecostal das Assembleias de Deus e o paradigma do pluralismo religioso. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 11, n.32, p. 251-276, set. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/39318>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

MIRANDA, Mário de F. **O cristianismo em face das religiões**. São Paulo: Loyola, 1998.

PANASIEWICZ, Roberlei; GRASSI, Rita Macedo. O diálogo inter-religioso na obra de Raimon Panikkar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSOFIA, TEOLOGIA & CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1., 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2018. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/simposio2018/arquivos/seminarios/ROBERLEI%20PANASIEWICZ%20RITA%20GRASSI.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

RIBEIRO, Cláudio O. Fé e pluralismo religioso: reflexão a partir da teologia de Paul Tillich. **Correlatio**, São Paulo, v. 12, n. 23, jun. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/4341>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

RIBEIRO, Cláudio. Pluralismo e religiões: a questão cristológica em foco. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, São Paulo, v. 11, n. 29, p. 353-380, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/4206>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

RIBEIRO, Cláudio. O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 90, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i90.35979>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

RONSI, Francilaide de Queiroz. **A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar**: para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. 2014. 343 f. Tese (Doutorado em Teologia Sistemática) – Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27077/27077.PDF>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

TEIXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude GeffTré. **Numen**, Juiz de Fora, v. 1, n.1, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21761>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

TEIXEIRA, Faustino. O Diálogo Inter-Religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global. **Numen**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21756>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

TEIXEIRA, Faustino. A Experiência de Deus nas Religiões. **Numen**, Juiz de fora, v. 3 n. 1, p. 111-148, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21730>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

TEIXEIRA, Faustino. **O irrevogável desafio do pluralismo religioso**. 2010. Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2010/04/o-irrevogavel-desafio-do-pluralismo.html>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

ZILLES, Urbano. Projeto de uma Ética Mundial. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 156, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/2703>. Acesso em: 04 de maio de 2020.